

O VISITANTE DO MEIO DA NOITE

EDITH DEAN

Cresci numa aldeia rural numa época em que nos maravilhávamos com o telefone e os automóveis eram incapazes de atravessar estradas cheias de lama. Foi antes da Grande Depressão, quando havia pouco para todos e os vizinhos dependiam uns dos outros. Eu me lembro bem daquela noite.

Era início de outubro e pela janela víamos tudo escuro, chuva forte e o vento se misturando. A turbulência maltratava nossa pequena casa de madeira na área rural de Arkansas, e a tempestade ameaçava apagar o lampião sobre a mesa da sala.

Aos nove anos, assustada, eu tinha certeza de que a casa sairia voando a qualquer momento. Papai fora em direção ao norte, procurando trabalho, e eu me sentia extremamente vulnerável. Mas mamãe conseguia ficar calma, sentada, consertando suas roupas "para durarem outro inverno".

"Ah, mamãe, você precisa de roupas novas", eu disse, tentando puxar conversa. Numa noite assim, eu precisava do conforto de uma voz bem serena.

Ela me abraçou. "Você precisa de roupas melhores porque vai à escola." "Mas você não tem nem um casaco para o inverno", retruquei.

"Deus prometeu suprir nossas necessidades. Ele cumprirá sua promessa, não quando pedirmos, mas no Seu próprio tempo. Tudo vai ficar bem." Eu invejava a fé inabalável de minha mãe, principalmente em noites assim.

Uma lufada de vento desceu pela chaminé e espalhou o carvão da lareira.

"Podemos trancar as portas?", perguntei.

Mamãe sorriu, pegou a pequena pá preta da lareira e espalhou cinzas sobre os carvões em brasa.

"Edith, não podemos evitar a tempestade. E você sabe que ninguém aqui tranca as portas, especialmente numa noite assim, porque alguém pode precisar entrar fugindo do mau tempo." Ela pegou o lampião, foi para o quarto e eu a segui. Minha mãe me enfiou entre as cobertas, mas, antes que tirasse o roupão de retalhos, o barulho repentino da porta da frente aberta pelo vento fez entrar o cheiro de chuva e ouvimos o som de objetos derrubados na sala. Também de repente a porta bateu e se fechou.

"Esse barulho todo não era só vento e trovão." Mamãe pegou o lampião e voltou à sala. Eu tive medo de ir também, mas o medo de ficar sozinha foi maior ainda.

Primeiro, só pudemos ver o conteúdo da cestinha de costura de mamãe espalhado no chão. Então nossos olhos seguiram pegadas de botas enlameadas no chão de madeira, da porta à cadeira estofada que ficava em frente à lareira.

Um homem encharcado e desganhado, baixo e corpulento, com um terno escuro e salpicado de lama estava afundado na cadeira.

Seu hálito exalava um cheiro terrível. Sua mão esquerda, imóvel, segurava uma lata amassada.

"Mamãe, é o senhor Hall!", exclamei.

Mamãe apenas assentiu com a cabeça, enquanto, com a pá, tirava os carvões queimados da lareira. Limpou as cinzas e levou os pedaços de carvão para a fornalha da cozinha, cobrindo-os com aparas de pinho.

Ela disse: "Vou fazer café. Acenda o fogo para ajudar nosso hóspede a se aquecer e a se secar." "Mas, mamãe, ele está bêbado!" "Tão bêbado que entrou em nossa casa pensando estar entrando na dele!" "Mas ele mora bem longe, lá embaixo na estrada", observei.

"Minha filha, o senhor Hall não é um beberrão. Não sei o que aconteceu hoje. Mas ele é um homem bom." Eu sabia que o senhor Hall se encontrava com alguém na estrada todas as segundas-feiras de manhã e ia para sua pequena alfaiataria em Little Rock, onde trabalhava durante toda a semana. Aos sábados à tarde ele voltava, caminhando com dificuldade, apoiado em uma bengala.

Como se lesse meus pensamentos, mamãe murmurou: "Ele deve se sentir muito solitário de vez em quando." Em pé na porta da cozinha, fui tomada por uma preocupação. "Oh, mamãe, o que as pessoas vão dizer sobre a bebedeira do senhor Hall?" "As pessoas não têm de ficar sabendo disso nunca. Você está me entendendo?"

"Estou, mamãe."

Enquanto a chuva continuava, mamãe levou para o nosso hóspede uma caneca de café preto e fumegante. Levantou sua cabeça para ajudá-lo a tomar o café, gole a gole. A caneca estava quase vazia quando ele abriu os olhos o suficiente para nos reconhecer.

"Senhora Wood." "Sim, senhor Hall, o senhor vai ficar bem." Enquanto mamãe levava a caneca de volta à cozinha, o senhor Hall conseguiu se apoiar na bengala, afastou a colcha dobrada sobre a cadeira e saiu cambaleando porta afora em direção à tempestade.

Ficamos observando-o enquanto chegava, vacilante, até o portão da frente, os clarões dos raios iluminando o caminho.

"Parece que nosso hóspede já consegue andar sozinho." "Mamãe, por que você o chama de nosso hóspede?", perguntei. "Ele só é nosso vizinho. Nós não o convidamos a entrar."

"Um hóspede é qualquer pessoa que venha à nossa casa em paz. Você se lembra quem é o próximo na história do Bom Samaritano?" "O homem que ajudou o estranho", respondi.

"Fazendo dele nosso hóspede, Deus nos deu a oportunidade de sermos próximas do senhor Hall." Algumas semanas mais tarde, chegando da igreja, havia um saco de papel sobre a mesa. Nele se lia: "Senhora Wood".

"Deve ser o vestido que a senhora Chiles ficou de me emprestar para eu tirar o molde. Ela tem uma filha do seu tamanho. Se quiser, pode abrir", mamãe disse, enquanto ia mudar de roupa.

Abri o saco amarfanhado e me surpreendi. "Mamãe! É um casaco para você, e é lindo!" Mamãe voltou-se para olhar o casaco que eu suspendia. Ela o experimentou, enfiando o braço direito e depois o esquerdo pelas mangas. Naquela época eu não conhecia o significado real

da generosidade. Tudo o que eu pude ver, quando mamãe experimentou o casaco, é que ele ficou perfeito nela.